



Mulheres e territórios de (re)existência: agricultoras urbanas que fazem vida Women and territories of resistance: urban farmers who produces life

COIMBRA, Marina Ribeiro¹; SOUZA, Raphael Soares²

¹AUÊ/UFMG, marinaribeirocsa2014@gmail.com; ²AUÊ/UFMG, raphaelsoares1@hotmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: Este texto apresenta alguns aspectos e reflexões acerca do contexto socioespacial e da contribuição de agricultoras urbanas agroecológicas *para* e *em* seus territórios, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). É um desdobramento do processo de acompanhamento do instrumento Caderneta Agroecológica junto à produtoras agroecológicas em municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) que integram a Associação Horizontes Agroecológicos (AHA) e seu Sistema Participativo de Certificação da Garantia da Região Metropolitana de Belo Horizonte (SPG RMBH).

Palavras-chave: agricultoras urbanas metropolitanas; produção do espaço; agroecologia; feminismo interseccional; economia feminista.

Introdução

Este texto apresenta alguns aspectos e reflexões acerca do contexto socioespacial e da contribuição de agricultoras urbanas agroecológicas *para* e *em* seus espaços e territórios. É um desdobramento do acompanhamento, conduzido pelo grupo AUÊ!/UFMG durante o ano de 2021, do instrumento Caderneta Agroecológica junto à 13 produtoras agroecológicas em municípios da RMBH que integram a Associação Horizontes Agroecológicos (AHA) e seu Sistema Participativo de Certificação da Garantia da Região Metropolitana de Belo Horizonte (SPG RMBH). Emerge da motivação em apoiar a participação e a autonomia econômica, a organização, a produção e a comercialização de um conjunto de mulheres que integram a AHA.

É fundamental ressaltar que são as mulheres negras, periféricas, indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais, as que mais vivenciam os desafios estruturais e cotidianos que advém da dinâmica de segregação socioespacial em regiões metropolitanas. Desta forma, adotamos a perspectiva trazida pelo conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989) a partir da urgência em contextualizar e corporificar a diversidade de mulheres na agricultura urbana e na agroecologia,



incorporando a raça em articulação com a territorialidade e a diversidade da produção no aprofundamento das análises socioeconômicas e territoriais.

Nos mobilizamos também desde o questionamento, proposto por vertentes do movimento feminista e ecofeminista, da apropriação masculina da agricultura e da reprodução biológica e da denúncia dos vínculos entre o desenvolvimento capitalista, o machismo e os impactos nas vidas das mulheres e da natureza (PULEO, 2014). As abordagens da economia clássica se alicerçam nesse sistema a partir da divisão sexual do trabalho e da identificação de trabalho com emprego, e desta maneira contribuem para intensificar o processo de invisibilização dos trabalhos realizados pelas mulheres nas suas comunidades, que não passam, necessariamente, pela economia de mercado (CARRASCO, 2009).

Assim, escolhemos a Caderneta Agroecológica pelo reconhecimento do seu potencial como facilitadora de processos feministas territorializados de visibilização, auto-organização e transformação a partir dos corpos, vozes e saberes das agricultoras no campo e na cidade.

Metodologia

Como metodologia adotamos a Caderneta Agroecológica e as metodologias que acompanham a sua utilização¹. A Caderneta Agroecológica propõe o registro da destinação da produção, a partir da anotação do que foi doado, consumido, trocado e vendido, incorporando a quantidade, o “produto” e o preço. Também realizamos a revisão de materiais acerca do processo de acompanhamento, com destaque para o relatório final, para os relatos de encontros² e para a sistematização e interpretação dos dados primários coletados. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica, notadamente nos campos da agroecologia, da agricultura urbana, da produção do espaço urbano, dos feminismos e da economia feminista que articulou as construções conceituais às reflexões propostas. As considerações aqui apresentadas foram construídas em rede, a partir do diálogo e da inserção no Grupo AUÊ!/UFMG³ em parceria com o CTA/ZM e com a AHA⁴, com o apoio da ONG

¹ Para conhecer mais sobre as metodologias que acompanham a utilização da Caderneta Agroecológica, bem como suas técnicas de aplicação, ver: **Guia metodológico da caderneta agroecológica** / Elisabeth Cardoso [et al.]. – Recife: FIDA, 2019.

² No difícil contexto de crise política e sanitária, a realização dos encontros e das atividades de acompanhamento aconteceram de forma remota, adotando o protocolo de distanciamento social para a prevenção da contaminação e disseminação da COVID-19.

³ O processo de acompanhamento das Cadernetas junto às agricultoras da RMBH foi fruto de uma articulação entre projetos de pesquisa e extensão do grupo AUÊ!/UFMG. Para saber mais sobre o grupo, acessar: <https://aueufmg.wordpress.com/>

⁴ Para conhecer mais sobre a associação, ver: <https://www.horizontesagroecologicos.org.br/>



REDE, da Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional da Prefeitura de Belo Horizonte (SUSAN/PBH), do Instituto PACS - Políticas Alternativas Para o Cone Sul e com o GT Mulheres da ABA.

Resultados e Discussão

As iniciativas das 13 produtoras estão localizadas em 4 municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), majoritariamente no município de Belo Horizonte, seguido por Ribeirão das Neves, Jaboticatubas e Sabará. A RMBH é composta por 34 municípios e nela existem diversas expressões de agricultura que se manifestam de múltiplas maneiras, tanto em relação aos diferentes modelos adotados, quanto à diversidade de motivações e pessoas que se envolvem com os sistemas agroalimentares, articulados a distintas dinâmicas socioespaciais (ALMEIDA, 2016) próprias de cada território.

A partir do exercício de mapeamento dos espaços de produção junto às mulheres, observamos que todas produzem em mais de um espaço, seja na unidade doméstica de beneficiamento e no quintal ou na horta comunitária e em casa. Foram identificadas 02 Unidades Produtivas Coletivas Comunitárias em BH⁵, 04 unidades de beneficiamento domésticas (nas cozinhas de suas casas), 09 quintais produtivos⁶, 01 horta comunitária em ocupação urbana, 01 sítio e 01 lote. Essa diversidade anuncia as especificidades da relação entre as agricultoras e a produção do espaço urbano - considerando que as relações de gênero são constitutivas, tanto do campo da agricultura e da agroecologia (PACHECO, 1997), quanto dos processos de produção do espaço (RODRIGUES, 2017) - que estabelecem diferentes dinâmicas socioespaciais em suas unidades produtivas, quintais, casas, bairros e ocupações.

A esse respeito, ao interseccionar raça e território, observamos que as mulheres negras acompanhadas (58,33%) estão em territórios considerados “periféricos” em BH e identificam sua experiência como familiar (2) e comunitária (6). As produtoras enfrentam desafios, agravados pelo processo de segregação socioespacial e consequente desigualdade na distribuição de infraestrutura e serviços em suas

⁵ A Política Municipal de Apoio à Agricultura Urbana e fomenta Unidades Produtivas (UPs) Coletivas e Comunitárias de Agricultura Urbana Ver: <https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/susan>

⁶ Adotamos a compreensão de “quintal produtivo” trabalhada coletivamente pelas agricultoras acompanhadas pelo CTA/ZM no âmbito do projeto “Os quintais das mulheres e a caderneta agroecológica na Zona da Mata de Minas Gerais e nas regiões Sudeste, Sul, Amazônia e Nordeste: sistematização da produção das mulheres rurais e um olhar para os quintais produtivos do Brasil”. Ver: ALVES, Luciana Medeiros; ALVARENGA, Camila; CARDOSO, Elisabeth; DE CASTRO, Nayara; SAORI Sheyla; TELLES, Liliam. **Caderneta agroecológica e os quintais**. Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018.



regiões, como a não garantia do acesso à alimentação de qualidade, à terra e a água, o difícil acesso a bens e serviços e com a falta e/ou dificuldade de acesso ao transporte público seguro e de qualidade. Ao mesmo tempo, observamos que os trabalhos das mulheres nesses territórios contribui ativamente para a promoção da agrobiodiversidade e da autonomia alimentar de suas famílias, comunidades e, em alguns casos, de outras regiões da cidade, a partir de relações de organização familiar e comunitária, produção, cuidado, consumo e distribuição de diversos alimentos e plantas medicinais agroecológicas.

Nesse contexto, trazemos o volume monetário a partir das dinâmicas de consumo, doação, troca e venda por elas estabelecidas. A comercialização apresentou significativa expressividade (69,2%) e é realizada a partir de vendas nas unidades produtivas, porta a porta, por encomendas, de cestas, em feiras organizadas pelo poder público e feiras organizadas a partir de iniciativas autogestionadas por produtoras/es e consumidoras/es. Constituindo-se como uma importante fonte de renda direta para as mulheres e suas famílias, e de promoção do acesso à alimentação saudável para a população urbana-metropolitana, notadamente em circuitos de vizinhança e proximidade. Destacamos também o consumo (15,4%) e as doações (13,9%), em contexto de pandemia. Esse valor é uma parcela importante da contribuição das agricultoras urbanas para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN), a nível local, em um cenário marcado por fome e insegurança alimentar.

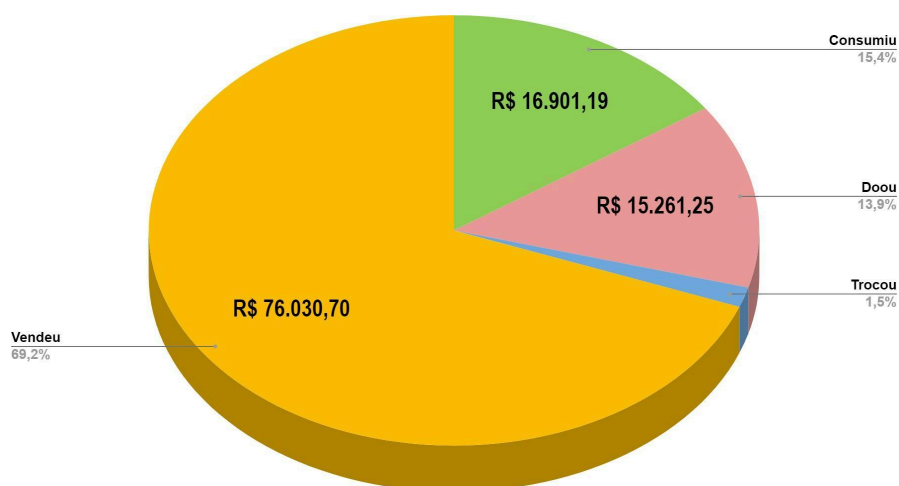


Gráfico 01: Valor total por relação econômica



Buscando caracterizar e visibilizar a diversidade da produção das produtoras em seus territórios e comunidades, sistematizamos a variedade de produtos, a partir das anotações nas Cadernetas. Ao todo, foram identificadas duzentas e vinte e duas (222) variedades de alimentos e produtos, dentre os quais, 177 (79,73%) são alimentos de origem vegetal, incluindo hortaliças (68), plantas medicinais (36), frutas (21), alimentos processados (29), minimamente processados (10), legumes (12), raízes e tubérculos (6). Também foram encontradas 11 (4,95%) variedades de produtos de origem animal, com o registro de 7 alimentos processados e 4 variedades de carnes, ovos e derivados. Além desses, foram identificadas variedades de mudas (16), artesanato (12), insumos de produção orgânica, sabão caseiro e serviços (2).

Conclusões

A diversidade de práticas e territórios das agricultoras que integram AHA em um contexto urbano-metropolitano aponta caminhos para a construção e o fortalecimento de estratégias de produção e relação com o espaço urbano a partir da perspectiva de uma economia centrada na sustentabilidade da vida (CARRASCO, 2009) e da agroecologia. Ao passo em que também observa-se a invisibilidade dos múltiplos trabalhos por elas tecidos em duplas ou triplas jornadas, o que desencadeia desafios para a manutenção de suas vidas e práticas em territórios urbanos.

Assim, o processo de acompanhamento junto às produtoras e o exercício de registrar a destinação da produção, a partir da Caderneta Agroecológica, apresentam-se como uma potente ferramenta de auto (re) conhecimento por parte das agricultoras e de disputa no espaço público para a garantia de políticas públicas de fomento às agriculturas urbanas e metropolitanas, que considerem a complexidade socioespacial e seus consequentes efeitos - que perpassam pelo racismo ambiental e pelas violências de gênero - nas vidas e dos trabalhos desempenhados pelas mulheres nos agroecossistemas.

Agradecimentos

Agradecemos ao Grupo AUÊ!, ao CTA/ZM e ao GT Mulheres da ABA, à diretoria da A.H.A, às equipes da REDE e Diretoria de Fomento à Agroecologia e ao Abastecimento (DFAB/SUSAN/PBH) e especialmente às agricultoras experimentadoras e os seguintes apoios: *Agriculturas Metropolitanas* (LOA/2020, FIOTEC/emenda parlamentar do Dep. Federal Patrus Ananias) e *Cultivando Outra Cidade e Direito Humano à Alimentação Adequada* (PROEX/UFMG).



Referências bibliográficas

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira de Almeida. **Isto e aquilo:** agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), Belo Horizonte, Minas Gerais. 2016. 356 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CARRASCO, Cristina. **Tempos e trabalhos desde a experiência feminina**, Papéis de Relações Ecosociais e Transformação Global, núm. 108, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizando a interseção entre raça e sexo:** uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminatória, teoria feminista e política antirracista. Fórum Jurídico da Universidade de Chicago, n. 140, p. 139-167, 1989.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **Sistema de produção:** Perspectiva de gênero. Proposta: Rio de Janeiro, v.25, n.71, Dez. Fev. 1997.

PULEO, A. **Luzes e sombras da teoria e da práxis ecofeminista.** Puleo, A, & Segura, C. Mulheres e Ecologia, Madrid: Almudayna, 2004.

RODRIGUES, Clarice Fernandes. **A Mulher no Espaço Público:** Uma Reflexão Acerca do Processo de Urbanização Contemporâneo e da (não) Participação das Mulheres na Produção do Espaço. In: Fazendo Gênero, 2017, Florianópolis. Fazendo Gênero 11: Transformações, conexões, deslocamentos, 2017.

VILASSECA, Yasmin A.; SCHOTTZ, Vanessa.; TELLES, Liliam. Caracterização da produção de agricultoras do GT Mulheres Serramar (RJ): Conectando a Caderneta Agroecológica com o Guia Alimentar para a População Brasileira. Em: **Caderneta Agroecológica:** o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas. Org: Thalita Rody, Liliam Telles. - Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021.